

## Questões sobre a *frase* na obra de Émile Benveniste

Verônica Pasqualin MACHADO<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo desse artigo é mostrar que noções podem estar imbricadas para que se entenda o termo *frase* na obra de Émile Benveniste (1974/2006, 1966/2005). Para isso, investigou-se como esse termo é tratado em dois textos do autor, nos quais ele dá maior ênfase ao tema, a saber, *Os níveis de análise linguística* e *A forma e o sentido na linguagem*. Na análise desses textos, foram destacados excertos que versam sobre o termo *frase* e evidenciam as noções que estão vinculadas a esse termo. Por meio da análise, pode-se concluir que o termo *frase* está ligado às noções de *forma* e *sentido*, de *domínio semântico* e de *referência*.

**Palavras-chave:** Émile Benveniste; Enunciação; Frase.

**Abstract:** The aim of this article is to demonstrate which notions can be related for a better understanding of the term *phrase* in Émile Benveniste's work (1974/2006, 1966/2005). In order to do so, we investigated how this term is treated in two texts by this author, in which he gives major emphasis to this theme: *Os níveis de análise linguística* and *A forma e o sentido na linguagem*. In the analysis of these texts, we highlighted excerpts that deal with the term *phrase* and point the notions which are attached to it. Thereby, we can conclude that the term *phrase* is connected to the notions of *form* and *meaning*, of *semantic domain* and of *reference*.

**Keywords:** Émile Benveniste; Enunciation; Phrase.

### Introdução

Neste trabalho, temos o objetivo de verificar, em uma breve análise, como o conceito *frase* é tratado na obra de Émile Benveniste. Para tanto, acreditamos que existem noções subjacentes a esse conceito que são fundamentais para que se possa ter uma compreensão mais ampla desse termo. Essa idéia nos leva a investigar dois textos em que acreditamos que o linguista dá atenção especial ao assunto, a saber, *Os níveis de análise linguística* (1964) e *A forma e o sentido na linguagem* (1966). Assim, acreditamos que essas noções subjacentes a que nos referimos estão contidas nesses textos.

Como hipótese inicial, acreditamos que o conceito *frase* em Benveniste relaciona-se às noções de relação *distribucional*, de *forma*, de *sentido*, de domínio *semântico* e de *referência*. Tais noções devem ser consideradas dentro da própria teoria enunciativa proposta por Benveniste, principalmente dentro dos textos que selecionamos para

---

<sup>1</sup> Mestranda da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre - RS. Correio eletrônico: veronicapasqualin@hotmail.com

investigar, uma vez que elas podem apresentar acepções distintas em outras teorias, mesmo essas estando relacionadas ao vasto campo epistemológico da Enunciação.

Para realizar nosso percurso de estudo, consideramos importante analisar o que se diz a respeito do conceito de *frase*, primeiramente, no texto *Os níveis de análise linguística* (1964) e, depois, em *A forma e o sentido na linguagem* (1966). Fazemos essa escolha não só por uma questão cronológica, mas porque acreditamos que algumas noções vistas nesse primeiro texto são ampliadas e complexificadas no texto de 1966.

Ao finalizar essa parte, mostraremos quais noções estão ligadas ao conceito *frase* e de que forma isso acontece. Além disso, mostraremos também se tais noções estão entrelaçadas, não sendo, assim, possível destacá-las.

### **A frase**

*Questões sobre a frase em "Os níveis de análise linguística".*

No texto de 1964, Benveniste defende que a língua está organizada em níveis e que eles estão relacionados. Esta noção de nível, segundo o linguista, "é essencial na determinação do procedimento de análise" (BENVENISTE, 2005, p. 127). Para apresentar essa noção, Benveniste escolhe o domínio da língua que é entendido como sistema orgânico de signos linguísticos, o que nos parece ser o domínio semiótico, o qual o linguista definirá no segundo texto (*A forma e o sentido na linguagem*).

A noção de nível determina-se segundo as operações de segmentação e de substituição, pois elas permitem delimitar os elementos da língua, uma vez que consideram que esses elementos estão em relação um com o outro, de forma sintagmática e paradigmática. Porém, para que esses elementos adquiram estatuto linguístico, eles devem ter sentido, pois, de acordo com Benveniste (2005, p.130), ele é "[...] a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* lingüístico".

Ao falar da passagem de nível (da palavra para a frase), Benveniste percebe que se trata de uma transição diferente da encontrada em outros níveis (diferente da passagem do nível merismático ao nível fonemático, por exemplo). Assim, ele postula duas relações que podem

ocorrer em um nível de análise linguística: a relação distribucional, que se relaciona a elementos do mesmo nível; e a relação integrativa, que se relaciona a elementos de nível diferente. Para explicar tais relações, o linguista recorre à noção de *forma* e à noção de *sentido*. Nesse momento, a noção de *forma* está ligada à forma de uma unidade linguística e aponta para “[...] a sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior” (BENVENISTE, 2005, p.135), pois, quando se reduz uma unidade aos seus constituintes, obtemos seus elementos formais. E, a noção de *sentido*, que aqui apresenta nova definição, relaciona-se também a uma unidade linguística e “[...] define-se como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior” (BENVENISTE, 2005, p.136). Para exemplificar, consideremos o *morfema*. Ele pode ser considerado uma unidade porque pode distribuir-se em seu mesmo nível, junto a outros morfemas, além de poder integrar uma unidade de nível superior, como a palavra. Sendo assim, em *Os níveis de análise linguística* (1964), a noção de *forma* está ligada à capacidade de dissociação e, por isso, permite reconhecer unidades constituintes de um nível inferior; e a noção de *sentido* está ligada à capacidade de integração, o que permite reconhecer unidades integrantes de um nível superior. Esse raciocínio é bem apresentado, em um esquema, pelo *Dicionário de Linguística da Enunciação* (FLORES, V; BARBISAN, L; FINATTO, M.J.; TEIXEIRA, M., 2009), nos verbetes *forma* e *sentido*:

Tabela 1: Verbetes no Dicionário de Linguística da Enunciação

<b>RELAÇÕES DISTRIBUCIONAIS</b>	<b>RELAÇÕES INTEGRATIVAS</b>
Permitem reconhecer unidades <i>constituintes</i>	Permitem reconhecer unidades <i>integrantes</i>
FORMA: capacidade de dissociação	SENTIDO: capacidade de integração

Ao finalizar as questões concernentes à apresentação da noção de nível, Benveniste volta-se ao nível da frase e diz que, ao atingi-lo, nos colocamos em outro domínio, que será, como veremos adiante, o domínio semântico. Sobre a definição do conceito *frase* em relação a noções trazidas nesse texto até aqui (relação distribucional, relação integrativa, forma, sentido), consideramos importante a observação das seguintes passagens de *Os níveis de análise linguística*:

As relações são menos fáceis de definir na situação inversa, entre a palavra e a unidade de nível superior. De fato, essa

unidade não é uma palavra mais longa ou mais complexa: depende de outra ordem de noções, é uma frase. A frase realiza-se em palavras mas as palavras não são simplesmente os seus segmentos. Uma frase constitui um todo, que não se reduz à soma das suas partes; o sentido inerente a esse todo é repartido entre o conjunto dos constituintes. A palavra é um constituinte da frase, efetua-lhe a significação; mas não aparece necessariamente na frase com o sentido que tem como unidade autônoma (BENVENISTE,1964/2005, p. 132);

O limite superior é traçado pela frase, que comporta constituintes mas que, como adiante se mostra, não pode integrar nenhuma unidade mais alta (BENVENISTE,1964/2005, p. 134);

Mesmo na unidade mais alta, a frase, a dissociação em constituintes só evidencia uma estrutura formal, como acontece cada vez que um todo é fracionado em partes (BENVENISTE,1964/2005, p. 135);

Podemos segmentar a frase, não podemos empregá-la para integrar. Não há função proposicional que uma proposição possa executar. Uma frase não pode, pois, servir de integrante a outro tipo de unidade (BENVENISTE,1964/2005, p. 137);

Os fonemas, os morfemas, as palavras (lexemas) podem contar-se; existem em número finito. As frases, não (BENVENISTE,1964/2005, p. 139);

Os fonemas, os morfemas, as palavras (lexemas) têm uma distribuição no seu nível respectivo, um emprego no nível superior. As frases não têm nem distribuição nem emprego (BENVENISTE,1964/2005, p. 139);

Um inventário dos empregos de uma palavra poderia não acabar; um inventário dos empregos de uma frase não poderia nem mesmo começar (BENVENISTE,1964/2005, p. 139);

A frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação. Concluimos que se deixa com a frase o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso (BENVENISTE,1964/2005, p. 139);

A frase é a unidade do discurso (BENVENISTE,1964/2005, p. 139);

A frase é uma unidade, na medida em que é um segmento de discurso, e não na medida em que poderia ser distintiva com relação a outras unidades do mesmo nível – o que ela não é, como vimos. É, porém, uma unidade completa, que traz ao mesmo tempo sentido e referência: sentido porque é enformada de significação, e referência porque se refere a uma determinada situação (BENVENISTE,1964/2005, p. 140).

De acordo com o que colocamos até aqui e com as passagens acima, parece-nos que as noções de relação distribucional e de relação integrativa não se aplicam à análise da frase. Vejamos por que isso acontece:

- a) A frase, como vimos, pertence a outro universo, ao domínio semântico. As relações distribucionais e integrativas incluem-se no domínio semiótico, campo escolhido por Benveniste para tratar da noção de nível;
- b) A frase deixa de ser o que é ao ser segmentada. Ao efetuar a segmentação em uma frase, é possível identificar seus constituintes, as palavras. Apesar disso, as palavras não correspondem ao sentido da frase como unidade autônoma;
- c) A frase não pode integrar um nível mais alto, pois é o último nível de análise linguística;
- d) As relações distribucionais e integrativas parecem apontar para uma linguística das unidades. Tais unidades podem ser caracterizadas pelo fato de poderem ser contabilizadas. A variedade de criação da frase impede que ela seja contada;
- e) A noção de *forma* está vinculada à definição de *relação distribucional* e a noção de *sentido* está ligada à definição de *relação integrativa*. Assim, se as relações distribucionais e integrativas não podem ser aplicadas ao conceito *frase*, também não se podem aplicar a ela as noções de *forma* e *sentido*, tal como são concebidas em *Os níveis de análise linguística*;
- f) As outras unidades, se comparadas à frase, não evocam a operação de referência, a qual é possibilitada apenas porque a frase encontra-se no domínio semântico.

No próximo tópico de nosso trabalho, trataremos das noções de *forma* e *sentido*, as quais apresentam uma acepção distinta da apresentada aqui. Além disso, também discutiremos a noção de *referência* a que a frase está ligada.

### Questões sobre a frase em *A forma e o sentido na linguagem*

Em *A forma e o sentido na linguagem*, Benveniste continua tratando das questões de *forma* e *sentido* que já aparecem no texto de 1964. Enquanto nesse texto anterior percebemos uma forte preocupação em torno do procedimento de análise linguística, o texto de 1966 é dirigido a filósofos e traz definições diferentes de *forma* e *sentido*. Como acontece em *Os níveis de análise linguística*, esses conceitos são tratados conjuntamente, mas o linguista percebe que há duas maneiras de ser língua e que cada uma delas abriga um domínio do sentido e da forma.

Posto isso, Benveniste distingue o campo semiótico do semântico. O que é da ordem do semiótico é tudo aquilo que está no interior e no uso da língua; o signo é a unidade semiótica. O que importa é a relação de distinção e oposição de um signo com os demais no sistema em que se encontram. Já a ordem do semântico apresenta a frase como sua expressão, a língua em emprego e ação. É aqui que vemos a língua mediando a relação entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo. Assim, o semiótico significa e o semântico comunica.

Como se percebe, não há dúvidas de que a frase pertence ao campo semântico, fato que já havíamos constatado no texto de 1964. Sabendo disso, é necessário verificar o que se diz a respeito da *forma* e do *sentido* da frase. Vejamos as seguintes passagens desse texto:

O sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor (BENVENISTE, 1966/2006, p. 230);

O sentido da frase é de fato a *idéia* que ela exprime; este sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras (BENVENISTE, 1966/2006, p. 230);

O sentido de uma frase é sua *idéia*, o sentido de uma palavra é seu emprego (BENVENISTE, 1966/2006, p. 231);

De outra parte, a *idéia* deve sofrer a restrição de leis de seu agenciamento: há aqui necessariamente uma mistura sutil de liberdade no enunciado da *idéia* e de restrição na forma deste enunciado, que é a condição de toda a atualização da linguagem (BENVENISTE, 1966/2006, p. 232);

Assim, o "sentido" da frase está na totalidade da *idéia* percebida por uma compreensão global; a "forma" se obtém pela dissociação analítica do enunciado processada até as

---

unidades semânticas, as palavras (BENVENISTE, 1966/2006, p. 232).

Considerando as passagens acima, podemos perceber que o conceito de *frase* está ligado a noções de *forma* e *sentido*. Podemos dizer que a frase, desse modo, possui uma *forma* e um *sentido*, caso considerarmos essas noções dentro do texto de 1966, quando Benveniste expõe sua definição de domínio semântico. O que seria, então, o *sentido* e a *forma* de uma frase?

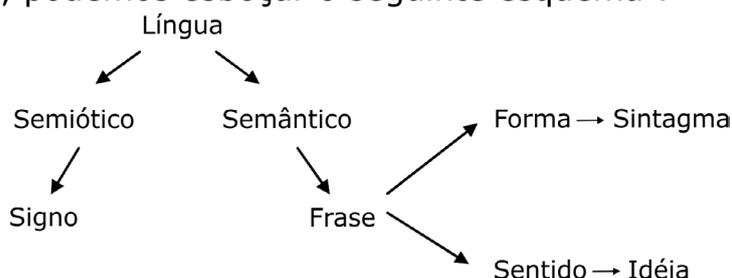
Ao discutir a noção de *sentido* de uma frase, Benveniste parece ser claro em afirmar que ela é a *ideia* de uma frase. Se contrastarmos o *sentido* de uma frase com o *sentido* de uma palavra, veremos que o primeiro aponta para uma apreensão global, enquanto o segundo é definido pelo emprego da palavra (BENVENISTE, 1966/2006, p.231). São, pois, noções bem diferentes. Podemos compreender melhor essa distinção por meio da passagem a seguir, quando Benveniste discute o processo de auxiliacão nos verbos:

É como conseqüência de sua coaptação que as palavras contraem valores que em si mesmas elas não possuíam e que são até mesmo contraditórios com aqueles que elas possuem em outros lugares. Note-se que se coligam conceitos logicamente opostos, que até mesmo se reforçam ao se unirem. Isto é tão comum que nós nem tomamos consciência; tal liame entre "ter" e "perder" em "eu tenho perdido", entre "ir" e "vir" em "ele vai vir", entre "dever" e "receber" em "ele deve receber" (BENVENISTE, 1966/2006, p.232).

Ainda sobre o *sentido* de uma frase, a definição trazida por Flores (2011, p.52) corrobora o que apresentamos, pois o autor declara, ao estudar o que é uma análise enunciativa, que a *ideia* de uma frase é "o sentido do conjunto do discurso".

Em relação à *forma* de uma frase, Benveniste diz que "o sentido se realiza na e por uma forma específica, aquela do sintagma" e que "a idéia só encontra forma num agenciamento sintagmático" (BENVENISTE, 1966/2006, p.231). No *Dicionário de Linguística da Enunciação* (FLORES, V; BARBISAN, L; FINATTO, M.J.; TEIXEIRA, M., 2009), encontramos a seguinte definição para o termo *agenciamento*: "processo de organização sintagmática pelo sujeito". Essa noção define, portanto, o que é a forma de uma frase; essa é o próprio sintagma.

Assim, podemos esboçar o seguinte esquema<sup>2</sup>:



Esquema 1: Termos ligados à frase em Émile Benveniste

Ainda no texto *A forma e o sentido na linguagem*, Benveniste mostra que a noção de *referência* também está vinculada ao conceito de *frase*. Essa relação já é iniciada em *Os níveis de análise linguística*, mas parece ser no texto de 1966 que o linguista dispensa uma atenção maior. Nesse texto, Benveniste diz que “a ‘referência’ da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que jamais podemos prever ou fixar” (BENVENISTE, 1966/2006, p.231). Ora, nunca preveremos a referência de uma frase, pois é a própria situação de discurso que provoca o surgimento da frase, e tal situação de discurso é irrepetível.

Acreditamos que a noção de *referência* pode ser mais bem compreendida se entendermos do que se trata essa “situação de discurso”. No *Dicionário de Linguística da Enunciação* (FLORES, V; BARBISAN, L; FINATTO, M.J.; TEIXEIRA, M., 2009), encontramos o verbete:

Situação de discurso s.f. Benveniste

Definição: circunstância irrepetível de apropriação da língua que instaura a interlocução e a instância espacial e temporal coextensiva e contemporânea da enunciação.

Nota explicativa: A situação em que se realiza o discurso inclui as coordenadas espaciais, temporais e pessoais, relativamente à enunciação como centro (FLORES et al., 2009, p. 218).

Como podemos ver, é somente a partir da implantação do domínio semântico que podemos ver que a frase está, de fato, relacionada à noção de referência. Não há referência, portanto, fora desse domínio.

Em *A forma e o sentido na linguagem*, texto que trouxemos nessa seção do trabalho, podemos perceber a existência de outras acepções para a noção de *forma* e *sentido*, bem como a inclusão da noção de

<sup>2</sup> Conforme o texto *A forma e o sentido na linguagem*, o signo, unidade semiótica, também possui forma e sentido. No entanto, não nos ateremos a isso, pois foge ao escopo de nosso trabalho.

*referência* ligada ao conceito de *frase*. Em relação ao texto anterior, *Os níveis de análise linguística*, percebemos que a noção de *forma* e a noção de *sentido* são definidas segundo as relações distribucionais e integrativas e, por isso, não podem relacionar-se ao conceito de *frase*. No entanto, as noções de *forma* e *sentido*, tal como vistas no *A forma e o sentido na linguagem*, devem ser consideradas, pois, de acordo com o que discutimos, a frase possui uma forma e sentido. Portanto, é indispensável identificar os textos em que se encontram a noção de *forma* e a noção de *sentido*, pois, na teoria enunciativa de Benveniste, tais noções apresentam acepções diferentes, além de serem consideradas noções gêmeas, impossíveis de serem dissociadas.

No próximo tópico, discutiremos a relação entre a frase e os domínios semiótico e semântico.

*A frase: pontos de entrelaçamento ou separação entre semiótico e o semântico?*

Quando Benveniste trata das noções de relação distribucional e de relação integrativa no texto *Os níveis de análise linguística*, o autor opera uma divisão entre os domínios semiótico e semântico. Ao fazer isso, ele isola o signo no campo semiótico e a frase no campo semântico. A questão que se põe é a seguinte: será que, ao considerar apenas a frase como unidade linguística, unidade do discurso, estamos excluindo essa unidade do campo semiótico? Ou, será possível considerar a frase como pertencente a ambos os domínios?

Como já foi discutido anteriormente, ao segmentar a frase, podemos reconhecer quais são seus constituintes. No entanto, ao fazer isso, parece-nos que essa unidade deixa de ser o que é, e, assim, abandona o domínio semântico, que é próprio da frase.

Todavia, em várias passagens dos dois volumes de *Problemas de Linguística Geral*, percebemos que esses dois caminhos se cruzam. Vejamos algumas:

Eis aí verdadeiramente dois universos diferentes, embora barraquem a mesma realidade, e possibilitem duas linguísticas diferentes, embora seus caminhos se cruzem a todo instante (Benveniste, 1964/2005, p. 139);

Esses dois sistemas se superpõem assim na língua tal como a utilizamos. Na base, há o sistema semiótico, organização

de signos, segundo o critério da significação, tendo cada um destes signos uma denotação conceptual e incluindo numa sub-unidade o conjunto de seus substitutos paradigmáticos. Sobre este fundamento semiótico, a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação intencionada, produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo. [...] Este é o duplo sistema, constantemente em ação na língua [...] (Benveniste, 1966/2006, p. 234).

Segundo o que se coloca nessas passagens, não podemos, então, fazer uma cisão entre os domínios semiótico e semântico, principalmente se considerarmos o termo *língua-discurso*, que se define, segundo o *Dicionário de Linguística da Enunciação* (FLORES, V; BARBISAN, L; FINATTO, M.J.; TEIXEIRA, M., 2009), como “a atividade do sujeito que coloca a língua em uso”.

De fato, Benveniste não opõe os domínios semiótico e semântico. Contudo, não se pode dizer que a frase está ligada diretamente ao campo semiótico. No debate que ocorreu logo após a conferência destinada a filósofos em 1966, Benveniste (2006, p.241) declara que “qualquer forma de frase não tem espaço no domínio do semiótico”. Desse modo, acreditamos que o mais coerente a se admitir seja a consideração de duas linguísticas distintas, tal como Benveniste afirma neste mesmo debate. Com isso, haveria uma linguística dedicada aos signos, unidades do campo semiótico, e uma linguística dedicada à frase, unidade do campo semântico.

### **Considerações finais**

Neste trabalho, procuramos mostrar a que noções o conceito de *frase* pode estar associado. Para tanto, realizamos uma breve análise dos textos *Os níveis de análise linguística* (1964) e *A forma e o sentido na linguagem* (1966), os quais evidenciaram, em nosso ponto de vista, as noções que poderiam estar subjacentes à frase (noções de relação *distribucional*, de relação *integrativa*”, de *forma* e de *sentido*, de domínio *semântico* e de *referência*).

Em um primeiro momento, acreditávamos que a frase estaria associada às relações distribucional e integrativa. Entretanto, a partir do estudo que fizemos, percebemos que, se considerarmos a frase como pertencente ao domínio semântico, não podemos considerar tais

relações, já que estão associadas ao campo semiótico.

Desse modo, podemos concluir que o conceito *frase* está ligado:

- a) à noção de *forma* conforme *A forma e o sentido na linguagem* (1966), pois a frase possui uma organização sintagmática;
- b) à noção de *sentido* conforme *A forma e o sentido na linguagem* (1966), pois a frase possui uma ideia, que é decorrente dessa organização sintagmática;
- c) ao domínio semântico, pois a frase apresenta uma organização sintagmática realizada por um sujeito;
- d) e à noção de *referência*, pois é ela que provoca o próprio surgimento da frase.

### Referências

BENVENISTE, E. Os níveis de análise linguística. (1964) In: **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 2005. cap. 10, p. 127-140.

\_\_\_\_\_. A forma e o sentido na linguagem. (1966) In: **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 2006. cap. 15, p. 220-242.

FLORES, V. O lugar metodológico da análise da enunciação em relação aos níveis da análise linguística. In: BATTISTI, E; COLLISCHONN. **Língua e linguagem: perspectivas de investigação**. Pelotas: EDUCAT, 2011.

FLORES, V; BARBISAN, L; FINATTO, M.J.; TEIXEIRA, M. (Orgs.) **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

Recebido em 30 de novembro de 2011.

Aceito em 05 de abril de 2012.